

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

I/D Informação Documentação (Portuguese)

ID and Anima Una

11-1-1990

1990 Vol. 46: Missão e Diálogo, Diálogo com as Religiões Não Cristãs

A Equipe Generalícia

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/id-po>

Repository Citation

A Equipe Generalícia. (1990). 1990 Vol. 46: Missão e Diálogo, Diálogo com as Religiões Não Cristãs. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/id-po/49>

This Article is brought to you for free and open access by the ID and Anima Una at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in I/D Informação Documentação (Portuguese) by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

MISSÃO E DIÁLOGO

DIÁLOGO COM AS RELIGIÕES NÃO CRISTÃS

O Conselho Geral pensa que o Diálogo, palavra-chave da consciência missionária da Igreja, é um tema importante de sua Animação. Dois I/D sucessivos tratarão do assunto: "Diálogo com as religiões não cristãs" e "Diálogo com a modernidade". A amplitude do assunto obriga-nos a deixar para mais tarde um dossier sobre o Ecumenismo. Apresentaremos o diálogo com as "religiões tradicionais" após a reunião sobre a "primeira evangelização", que terá lugar em Chevilly no mês de Novembro de 1991.

Dialogamos e colaboramos lealmente com os responsáveis e crentes de outras religiões, bem como com aqueles que não crêem em Deus; confiamos no Espírito Santo que nos dirige, a uns e outros, para a verdade total (cf. Jo.16,13) RVE 16.3.

Em Setembro de 1990, em plena crise do Golfo, os responsáveis da maior parte das religiões do mundo se reuniram em Bari (Itália) para continuar a oração pela Paz iniciada pelo Papa em Novembro de 1986, em Assis; (02 reuniões semelhantes foram realizadas em Roma e Varsóvia). Os representantes das religiões quiseram fazer um apelo às motivações espirituais mais profundas do homem, em particular dos responsáveis políticos, para tentar impedir a guerra. Foi sintomática a presença de representantes de nações como a China, a Rússia e USA, reconhecendo assim "a força na fraqueza" das religiões.

Este exemplo nos mostra como a colaboração e o diálogo inter-religiões é um "sinal dos tempos", no qual devemos reconhecer um apelo do Espírito aos homens de hoje.

A disponibilidade para o diálogo é, para muitos dos nossos contemporâneos, um critério de credibilidade das religiões, tantas vezes acusadas de ter sido a causa de conflitos sangrentos e de divisão entre os homens ao longo da história.

Nos diferentes países onde vivemos a "Missão", não podemos ser meros espetadores de conflitos nos quais a motivação religiosa desempenha por vezes uma parte relevante. Mesmo que o diálogo nem sempre encontre reciprocidade, ou a reflexão teológica sobre o assunto não seja definitiva, não tenhamos receio de mostrar gestos concretos e proféticos de diálogo. "Um encontro é já um resultado", diziam leigos engajados no diálogo, em Roma, "pois é o resultado de não nos julgarmos autosuficientes", e por isso aumenta a nossa disponibilidade perante o Espírito.

Um Instituto missionário como o nosso, "que olha além fronteiras" (editorial de *Province et Mission*, Boletim de França, Setembro de 1990), tem uma responsabilidade particular para ajudar os crentes a ter um olhar diferente - o que é uma das maiores urgências da missão-hoje.

I. Relacionamento entre os crentes

O Cardeal Sin, Arcebispo de Manila, dizia recentemente que a "prova de fogo do diálogo são as divergências sobre o que é fundamental". Deste modo compreendemos como o diálogo inter-religiões se torna

particularmente difícil.

Apesar das dificuldades, podemos considerar a diversidade inter-religiões não como um escândalo para a

fé mas como uma realidade permitida por Deus para o bem de todos os crentes. É deste modo que os muçulmanos interpretam o seguinte versículo do Corão: "Se Deus assim o quisesse, poderia fazer de nós um só povo; mas não o quis, afim de nos colocar à prova".

a) Questionamento mútuo e graça de aprofundamento

Questionamento

No diálogo, o interlocutor (sobretudo o crente monoteísta) tenta aprofundar questões essenciais, tais como: "Quem é o teu Deus? Qual a tua atitude diante dEle (da tua religião)? De quem recebes essa Revelação? Como explicar que Jesus Cristo é o próprio Filho de Deus"?

Certamente que um não-crente fará as mesmas perguntas; mas o crente de outra religião colocar-se-á instintivamente à defesa e procurará defender sua vivência de Deus. Naturalmente seu conceito de diálogo será diferente do nosso.

Neste questionamento, não faltará uma ou outra pergunta sobre a nossa "profissão de fé", nossas convicções teológicas, aparentemente as mais firmes, bem como as opções fundamentais da moral que as inspiram, ou algum princípio jurídico que julgamos deduzir do Evangelho.

Mgr Tessier, bispo de Alger, observava que o "desafio doutrinal do cristianismo ao Islão não é menos sério" pois está centrado "em altos princípios que muitos julgam ser inultrapassáveis". Ali Merad, num estudo corajoso sobre Jesus no Islão, reconhece que o próprio Corão coloca certas questões às quais ainda não conseguiu dar resposta.

Graça de aprofundamento

Alguns dos confrades que vivem em ambiente muçulmano contaram-nos que descobriram de uma maneira mais profunda o sentido da transcendência de Deus, da obediência, da "submissão" a Deus. Re-descobriram igualmente o sentido da ascese ou o sentido da oração do pobre. Por outro lado, contaram-nos no Senegal que alguns jovens muçulmanos estavam desejosos de viver segundo "o espírito de Jesus".

Alguns missionários em contato com o Islão ou o Hinduísmo re-descobriram e "saborearam" melhor a alegria da revelação do Mistério Trinitário naquilo que se refere à ternura do Pai, à humanidade de Deus em seu Filho e ao amor no Espírito. (Não é verdade que muitos cristãos se contentam com um teísmo vago, que provém mais dum sentimento religioso do que da fé...?).

De igual modo alguns muçulmanos, em contato com a fé cristã, foram motivados a uma reflexão mais profunda sobre o mistério da "unidade divina", centro de sua fé. Com efeito, para sublinharmos as conclusões de um grupo

de pesquisa islâmico-cristão, a fé "não pode ser reduzida a um símbolo matemático ou a uma dedução da razão" em nome do "Mistério de Deus, expresso de modo acentuado no Corão e que tem sido profundamente vivido pelos místicos muçulmanos".

b) Uma prova que purifica

O diálogo impede que nos refugiemos em práticas hipócritas ou esclerosadas. Cada atitude religiosa é objeto de comparações, algumas vezes elas são agressivas, outras simpáticas; por vezes, embora feitas em silêncio, são plenas de sentido, como por exemplo: como é a tua oração? que ascese fazes (em que consiste o teu jejum)? que sentido tem para ti a caridade?"

Mas é sob o aspeto do relacionamento humano que o diálogo se apresenta muitas vezes como prova particularmente difícil:

É uma experiência dolorosa constatar como uma amizade, quantas vezes bem profunda, enriquecida por laços de solidariedade humana (encontros, trabalho, etc.), é quebrada precisamente por causa de uma barreira aparentemente invencível: a fé diferente. A quantos confrades não foi dito por seus amigos muçulmanos que lamentavam de um dia não se poderem encontrar juntos no paraíso, uma vez que este estará fechado aos cristãos? Causa pena, dizia-nos um confrade, "não poder compartilhar com os amigos uma mesma comunidade de fé e o que temos de mais querido. Este sofrimento é muitas vezes partilhado quando, depois de um encontro fraterno, acontece a separação afim de que cada qual se possa reunir no templo com seus irmãos na Fé".

Podemos até dizer que o crente, em nome daquilo que julga ser sua fé, pode ser tentado em certo momento a "forçar" os direitos que a amizade lhe concede sobre seu irmão de outra religião.

A provação aparece quando alguém se deixa dominar por um sentimento de superioridade. O diálogo acarreta consigo um risco de disputa, quando se deixa invadir pela "apologética" ou pelo "proselitismo" (a vontade de triunfar sobre a liberdade do outro).

Muitas vezes acusamos os outros crentes de criar unilateralmente um tal sofrimento. Na verdade, temos muito a corrigir em nós próprios: devemos tomar consciência de atitudes que poderão bloquear os outros crentes, quer por palavras quer por atitudes, muitas vezes inconscientes.

Acontece todavia que a provação cria novos laços e aproxima fraternalmente os crentes. Numa de nossas missões, os cristãos foram vítimas do rigorismo de alguns fanáticos. Seus correlegionários, humilhados pela imagem dada por sua comunidade, iniciaram um diálogo com a comunidade cristã. A partir de gestos concretos de amizade muitas coisas começaram a mudar.

II. Uma oportunidade de renovação para a Missão

Nossa Regra de Vida (13.1 e 16.3) sublinha rápida mas fortemente a importância do diálogo inter-religiões na missão de hoje. Apresenta a motivação teológica e situa os níveis de sua aplicação concreta:

a) O Espírito nos conduz, a uns e outros, para a verdade total (*Jo 16,13*).

Esta frase de S. João lembra a atitude de Deus para com a humanidade através da história da salvação e da construção do "Reino de Deus". Deus deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade (1 Tim 2, 4); por isso agiu gratuitamente no espírito e no coração de todos os povos que o poderão descobrir como que às apalpadelas (At 17, 27). Este dom de Deus atinge os homens não apenas de maneira individual; pode até atingi-los de algum modo através das diferentes religiões.

Para os cristãos, "o diálogo pressupõe esta Fé na presença salvífica de Deus nas outras religiões e é a expressão da firme esperança de sua realização em Cristo" (Bispos da Índia, 1977).

O diálogo é ainda escuta humilde da Palavra que Deus nos quer transmitir, quando descobrimos que outros crentes sinceros, têm uma visão diferente do seu Mistério.

Vemos assim que a entrada real no diálogo traz consigo não somente dificuldades, mas também graças particulares.

b) Com os responsáveis e os crentes de outras religiões (*RVE 16.3*).

O diálogo com outras religiões é uma Iniciativa quer Individual quer Comunitária.

Supõe por um lado uma grande liberdade dada a cada qual (a liberdade do Espírito...) para explorar caminhos mal definidos à partida; exige por outro lado que a comunidade esteja engajada na criação de laços de união e de solidariedade donde possa surgir o diálogo. Todos os confrades engajados no diálogo com outras religiões insistem sobre o fato que ele terá pouco futuro se não for fundamentado na comunidade. Para tal, as comunidades devem aceitar uma forma de pastoral que seja uma redescoberta da simplicidade evangélica, como a que viveram Jesus e seus discípulos, através de encontros ocasionais, acontecimentos ou mesmo contradições. Há por vezes um certo egoísmo por parte das comunidades cristãs, quando recusam o diálogo a partir de pressupostos humanamente explicáveis mas pouco evangélicos.

Verificamos com alegria que a maior parte das iniciativas de diálogo de nossos confrades se insere cada vez mais - apesar de certas dificuldades passageiras - num dinamismo diocesano e comunitário. Recentemente, os Bispos da Ásia convidavam seus diocesanos a participar verdadeiramente da comunidade humana no meio da qual

viviam. Nesta comunidade, as religiões não devem ser um fator de divisão, mas sim um meio de convivência que liberta aquilo que cada um tem de melhor.

O diálogo compete de modo particular aos "responsáveis".

Se é normal que os responsáveis religiosos busquem promover sua própria fé, eles devem ao mesmo tempo esforçar-se por "construir" pontes que possam unir as religiões.

Os responsáveis de outras religiões, por vezes, estão mais animados do que possamos julgar deste desejo de diálogo e colaboração inter-religiões, além de uma grande vontade de abertura comum ao plano de Deus. Alguns bispos asiáticos notaram a propósito o grande esforço de aggiornamento feito pelos líderes das religiões na Ásia, em contato com o progresso e com outras correntes do pensamento.

É neste sentido que as diferentes religiões acentuam cada vez mais a importância de iniciativas comuns que poderão contribuir para a construção de um mundo mais humano. A Conferência Mundial das Religiões para a Paz, com início em 1970, a Jornada de Oração para a Paz, em Assis em 1986, (sem falar dos grandes encontros ecumênicos sobre o mesmo assunto) não são iniciativas isoladas: os responsáveis das religiões sabem muito bem que seu futuro passa pelo "caminho do homem" e que os crentes devem fazer gestos proféticos para a salvação da humanidade e a salvaguarda da criação.

Nas Igrejas locais, esta necessidade de um diálogo a nível de comunidades e de responsáveis levou à criação de comissões criadas a nível diocesano, nas quais os espiritanos frequentemente tomam parte ativa.

Nas Ilhas Maurícias, confrades desejosos de um diálogo mais profundo com o hinduísmo e com o islamismo resolveram integrar nesta iniciativa uma comunidade cristã, que de início se mostrava muito reticente, ("não temos já trabalho suficiente com os cristãos?") Os três confrades engajados nesta busca de diálogo assumiram uma paróquia que lhes permitiu fazer uma busca contínua de diálogo. Começaram por aprender as línguas locais; depois organizaram encontros com os representantes das diferentes religiões, solicitando que manifestassem sua opinião. Este processo de escuta obrigou os cristãos a se questionarem sobre Deus, sobre Jesus Cristo e sobre a Igreja. Numa segunda etapa, organizaram um outro tipo de reunião com os cristãos, para os ajudar a refletir sobre as questões levantadas pelo diálogo; à luz da reflexão teológica sentiram-se capazes de tal.

Notamos pois que o diálogo tem suas vantagens, não só no campo do relacionamento humano mantido com as outras religiões; é igualmente útil na renovação da vitalidade das comunidades cristãs e no aprofundamento de sua fé: faz surgir uma oportunidade de renovação para a Missão e para a Igreja.

III. O diálogo não se improvisa

Um confrade nomeado capelão de uma Universidade com maioria de muçulmanos contava-nos recentemente como se sentia mal preparado para as tarefas que o esperavam.

Esta reflexão podia ser feita por todos aqueles para quem o diálogo não é uma opção facultativa mas é o verdadeiro cerne da evangelização. Esta pode tornar-se um diálogo de surdos se não forem respeitadas as seguintes condições:

a) Conhecer a linguagem do outro

Não será fundamental procurar conhecer o que o outro pensa de Deus nas suas próprias palavras e símbolos, e como é que ele se "une" com Deus? Respeitar o misterioso segredo desta caminhada e ser convidado a entrar nela, exige muita paciência. Todavia a experiência mostra que muitas vezes, depois de algum esforço inicial, tentamos submeter os outros ao nosso esquema preconcebido recusando-lhe toda a possibilidade de evolução.

É por isso que os confrades em contato mais direto com as grandes religiões dedicam de início bastante tempo à aprendizagem da língua e da cultura dessas religiões. Não deveríamos fazer o mesmo, antes de iniciar o contato de "primeira evangelização", com os crentes das religiões tradicionais?

b) Ultrapassar a simples tolerância

Devemos exigir igualmente que o diálogo se faça nas melhores condições e no nível mais adequado. Convidado este ano por muçulmanos nigerianos a participar de um Congresso sobre a tolerância, Mgr Onaiyekan, bispo de Ilorin, respondia que era preciso ultrapassar este conceito

muito negativo de tolerância. O verdadeiro diálogo pressupõe, dizia ele, que nos esforcemos por descobrir os valores que temos em comum com os outros. Exige que aceitemos muitas formas de colaboração.

c) Retomar o evangelho e seguir os passos de Jesus - uma maneira moderna de "revestir-se de Cristo". Jesus não saiu incólume de todos os encontros que teve: com a Cananea, com a mulher adúltera, com Zaqueu, com os não-judeus bem como com os judeus "integralistas"... Deste modo, para admiração de seus discípulos, ousou dialogar com a samaritana. Sem negar as diferenças religiosas entre judeus e samaritanos, permitiu que a samaritana iniciasse uma caminhada pessoal de conversão e avançasse no anúncio de um novo culto "em espírito e em verdade" - a boa nova para todos os crentes.

É importante pois re-ler o Evangelho "em espírito e em verdade", não para excluir mas para nos tornarmos disponíveis "a toda a palavra que vem da boca de Deus". Isto nos indica que a primeira forma de diálogo deve ser a da oração; só ela pode iluminar a inteligência e converter o coração; ela é aprendizagem da não-violência o que, por sua vez, se torna cada vez mais uma semente para a comunidade humana". (Geffré, *Spiritus* nº 106).

Retomar o evangelho, é lembrar-se também que o diálogo vivido pelos cristãos tem suas raízes não só no mistério da Incarnação (que inspira todo o encontro com o outro), mas ainda no mistério Pascal, que é a sua plenitude. Como vimos, o diálogo é uma prova que nos pede que assumamos até ao fim a atitude do Servo: desculpar os preconceitos (e são muitos), os insultos (por vezes), recusar toda a perspectiva de domínio e de conquista...; não será isto engajar-se diariamente a carregar a cruz, e por isso mesmo, estar colaborando na obra da salvação oferecida a todos?

Conclusão

Como avançar mutuamente no caminho do diálogo? Talvez fosse conveniente interrogarmo-nos pessoal ou comunitariamente sobre os seguintes pontos:

1) Quais os preconceitos conscientes ou inconscientes que temos e dos quais devemos despojar-nos? como conseguir um melhor conhecimento das diligências religiosas feitas pelos outros, para melhor podermos ajudar os cristãos? como fazer um discernimento mais perfeito sobre a originalidade da mensagem que devemos transmitir, para podermos avançar com os outros crentes na busca de Deus? (Diálogo da Fé).

2) Qual o nosso engajamento concreto para sermos parte integrante na construção de um mundo mais humano, através do respeito pela vida, pela Criação, pela dignidade da pessoa, pelos direitos do homem, da justiça, da liberdade...? (Diálogo da vida).

3) Como aprender a rezar através do enriquecimento das experiências espirituais dos outros e testemunhar mais a nossa vida de oração? como realizar com mais humildade encontros inspirados na "oração das religiões para a paz", em Assis, ou outras iniciativas do género? (Diálogo da oração).

Não haverá em todas estas iniciativas algo que possa alimentar o entusiasmo de nossa vida apostólica, para darmos novos motivos de esperança e de fé aos homens que nos rodeiam?

O texto deste número de I/D foi preparado pelos PP. François Nicolas e James Okoye após consulta aos confrades engajados no diálogo inter-religiões. Foi discutido, modificado e aprovado pelo Conselho Geral.